

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Caroline Machado Simon

**Representações dos alunos sobre a transição do 5º ano para o 6º ano do Ensino
Fundamental**

Porto Alegre
1. Semestre
2019

Caroline Machado Simon

**Representações dos alunos sobre a transição do 5º ano para o 6º ano do Ensino
Fundamental**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia -
Licenciatura da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial e obrigatório para a
obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Marília Forgearini Nunes

Porto Alegre

1. Semestre

2019

Caroline Machado Simon

**Representações dos alunos sobre a transição do 5º ano para o 6º ano do Ensino
Fundamental**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia -
Licenciatura da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial e obrigatório para a
obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em ____/____/____.

Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes - Orientadora

Profa. Dra. Renata Sperrhake - UFRGS

Profa. Dra. Helena Dória Lucas de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Esta singela homenagem gostaria de oferecer aos meus familiares, em especial ao meu pai, minha avó e os meus irmãos. Ao meu pai, obrigada por me fazer insistir todas às vezes que eu pensei em desistir, obrigada por caminhar comigo me fazendo ter forças para prosseguir. A minha querida avó, que conseguiu tornar esse quatro anos mais leves sempre preocupando-se comigo e acordando todos os dias de manhã cedo para me acompanhar no café. A ti só tenho a agradecer, vó! És o exemplo da mulher guerreira que quero ser na vida. E, aos meus irmãos, agradeço pela paciência de terem me ouvido nos momentos mais angustiantes e também quando eu surtava e acabava brigando com vocês, obrigada meus pequenos!

Agradeço a ti, meu namorado, por ser o meu pilar e meu guia nesses 4 anos, me acompanhou dia após dia, nas noites em claro e em tudo a que tu podias fazer, me ajudava e apoiava. Mesmo que eu queira dizer aqui o quão importante tu foste para mim na conclusão dessa etapa da minha vida, é imensurável a gratidão que sinto.

Agradeço minha orientadora, Marília Forgearini Nunes, pelas aprendizagens, pela paciência e pelos ensinamentos. Sem este teu olhar sensível no período que vivi ao longo da escrita do TCC, não sei se teria conseguido.

E agradeço principalmente a Deus e minha mãe, que hoje são a base da minha vida, e se hoje eu posso ter vivido tudo que vivi, é graças a eles. Obrigado pela força nos momentos mais sombrios, e por ser minha luz sempre nos momentos mais sombrios.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal saber quais são as *representações dos alunos sobre a transição do quinto ano para o sexto ano do Ensino Fundamental*. E, de acordo com as representações dos alunos, pensar de que maneira essas representações podem ajudar os professores do quinto e do sexto ano, e também a escola, a facilitar essa transição. Para atingir o objetivo, primeiro fazemos uma breve retomada da história da ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos no Brasil. Na sequência contextualizamos o cotidiano escolar e quais são as mudanças significativas que acontecem na passagem do quinto para o sexto ano. A descrição do método de pesquisa e a análise dos dados são descritos na terceira parte. A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso que utilizou a metodologia aula-conversa (MELO, 2016) com uma turma de sexto ano de uma escola municipal da zona norte de Porto Alegre. Para coletar os dados foram realizadas atividades que instigassem os alunos a pensar sobre alguns aspectos que se alteram na transição do quinto para o sexto ano. Realizamos dois tipos de atividades, primeiramente individual e depois uma atividade coletiva, as duas com perguntas estruturadas. Os resultados encontrados reiteram dados identificados em pesquisas anteriores (CAINELLI, 2001; ANDRADE, 2011; SILVA, RIBEIRO, 2014). Avançamos na discussão do tema em nossas conclusões propondo algumas ações que a escola pode exercer para que essa transição não seja tão sofrida e frustrante para os alunos como pudemos perceber por meio dos dados coletados.

PALAVRAS-CHAVE: Transição escolar. Ensino Fundamental. Relação professor-aluno.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O ENSINO FUNDAMENTAL DE 8 PARA 9 ANOS: O QUE MUDOU?.....	11
3 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E O COTIDIANO ESCOLAR.....	15
4 METODOLOGIA.....	18
5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES.....	25
6 ALTERNATIVAS PARA UMA TRANSIÇÃO SEM RUPTURAS.....	30
REFERENCIAS.....	31
APÊNDICE A - Procedimentos da aula Conversa.....	34
APÊNDICE B - Carta-convite para participação na pesquisa.....	35
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Individual.....	36
APÊNDICE D - Termo de Assentimento.....	37

1. INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a transição dos alunos do quinto ano para o sexto ano do Ensino fundamental. Nossa atenção para esse tema leva em conta que o aluno que está passando por essa transição, é um aluno diferente se pensarmos na mudança do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Este aluno é caracterizado como diferente, pois a legislação, no que diz respeito a Educação Básica, vem mudando ao longo de vários anos, primeiramente “extinguindo” o que era chamado de primário e de ginásio, e após isso legitimando a obrigatoriedade da escolarização dos alunos de 7 aos 14 anos, formado por oito séries, ou seja, o Ensino Fundamental de oito anos. Por sua vez, em 2006 ficou estabelecido a ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos, tornando obrigatório o ingresso aos seis anos de idade. Como haviam mudanças que precisavam ser feitas nas escolas, as instituições tiveram até 2010 para fazer essa reestruturação, tanto física quanto pedagógica.

Diante desses fatos sobre a organização da segunda etapa da Educação Básica, não podemos considerar essa característica etária apenas nas crianças que ingressam no primeiro ano, pois mudam os aspectos e características dos alunos que agora estão no sexto ano também, pois são alunos que chegam mais acostumados com a rotina anterior, ou seja, do primeiro ao quinto ano. Isso afeta o modo como irão enfrentar esse novo ano e as muitas mudanças na rotina escolar: o vínculo com mais de uma professora, o maior exercício da independência em suas atitudes, entre outros aspectos psicológicos internos que também ocorrem nesse período, mas que não conseguiremos nos aprofundar neste trabalho.

Neste contexto, que circunda o tema estabelecido, a questão que norteará esse estudo será: “Quais são algumas representações dos alunos sobre a transição do quinto ano para o sexto ano do Ensino Fundamental?” E após isso pensar de que maneira essas representações podem ajudar o professor do quinto e sexto ano e a escola a facilitar essa transição.

O tema e o questionamento aqui estabelecidos são frutos da prática de estágio docente como parte da Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação da UFRGS. Realizei o estágio no segundo semestre de 2018, em uma escola da zona norte da rede municipal de Porto Alegre, em uma turma de quinto ano. Durante o período do estágio, percebi em muitos alunos a aflição pela transição para o sexto ano que aconteceria a partir do ano de 2019. Os alunos faziam muitos relatos sobre as diversas mudanças que eles já previam que ocorreriam: muitos professores, pouco tempo, pouco vínculo com os professores, maior autonomia para a

realização de todas as atividades. Os alunos também faziam muitos questionamentos sobre como seria essa mudança e quais poderiam ser as principais dificuldades. Diante desse fato, passei a refletir sobre como um estudo a esse respeito poderia auxiliar o professor a mediar tal transição.

Para responder à pergunta e identificar possíveis representações dos alunos sobre a transição do quinto para o sexto ano, a metodologia que será utilizada será uma aula-conversa (ALVES, 2016) momento esse em que haverá interações entre a pesquisadora e os alunos de uma turma do sexto ano. Haverá algumas perguntas que nortearão essa conversa, fazendo assim um trabalho mais coletivo com a turma, mas também algumas atividades serão realizadas para que os alunos apresentem suas representações a partir de diferentes estímulos, de modo individual e coletivo. O intuito dessa aula-conversa inicial com as crianças, é ter um ponto de partida de quais são os principais medos e aflições que estão ocorrendo neste 6º ano, em diversos aspectos, como em relação aos professores, às aulas, a eles próprios.

Nosso objetivo principal é “Investigar por meio da ‘aula conversa’ algumas representações dos alunos sobre a transição do 5º ano para o 6º ano do Ensino Fundamental.” E dentre esta temática tão abrangente alguns objetivos específicos foram pensados, entre eles: Identificar as principais dificuldades e apontar principais problemas fazem a transição do quinto para o sexto ano ser muito difícil; Analisar possíveis sugestões para que esta transição não seja mais tão brusca entre os anos iniciais e finais, auxiliando o professor do 5º ano a pensar estratégias para isso.

A partir da temática definida realizei pesquisa em dois repositórios de textos acadêmicos diferentes: LUME/UFRGS e Google Acadêmico. A busca foi feita considerando alguns critérios, como descritores de busca, que foram: “Transição escolar”, “transição do 5º para o sexto ano”, “transição do ensino fundamental I para o ensino fundamental II”, “transição da 4º para 5º série”, “quinto ano” e “sexto ano”. O recorte temporal foi feito no período de 2006 a 2019. Foi encontrado 1 trabalho de conclusão de curso no LUME/UFRGS (QUADRO 1) com tema semelhante e outros 9 trabalhos, entre artigos, dissertações e teses, no Google Acadêmico (QUADRO 2), utilizando os mesmo critérios para seleção em ambas as buscas.

Quadro 1 - Trabalhos de Conclusão de Curso identificados no LUME/UFRGS

Título	Autor(es)	Ano	Ideias principais
---------------	------------------	------------	--------------------------

No espaço estamos, no tempo somos: identidades de alunos no entre lugar dos anos iniciais e finais do ensino fundamental.	Marília Bervian Dal Moro	2013	Ressalta a necessidade de uma escuta sensível frente aos alunos que encontram-se nessa transição. É um entendimento dos novos sentidos que os alunos do século XXI produzem sobre o ambiente escolar.
---	--------------------------	------	---

Fonte: Organizado pela autora.

Quadro 2 - Trabalhos encontrados a partir do Google Acadêmico

Título	Autor(es)	Ano	Ideias principais
Entre continuidade e rupturas: uma investigação sobre o ensino e aprendizagem da história na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental.	Marlene Rosa Cainelli	2011	Aborda a questão de os alunos não aprenderem os conteúdos e mesmo assim os professores continuarem a dar matérias novas; Ressalta a troca contínua de professores e a falta de afetividade na relação professor-aluno.
Investigação sobre a transição dos alunos do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II.	Mariza Andrade	2011	Pontua a ruptura que ocorre entre esses dois anos, ressaltando sobre as metodologias dos professores serem muito diferenciadas.
A transição da 4ª para a 5ª série na Educação Física	Felipe Del Mando Lucchesi; Lilian Aparecida Ferreira	2009	Compactua com a ideia de que é uma transição conflituosa sem cuidados por parte do pedagógico dos professores e das

			instituições escolares.
Anos finais do ensino fundamental: aproximando-se da configuração atual.	Claudia Leme Ferreira Davis; Gisela Lobo B. P. Tartuce; Marina Muniz Rossa Nunes; Patrícia C. Albieri de Almeida; Ana Paula Ferreira da Silva; Beatriz Souza Dias de Olival Costa; Juliana Cedro de Souza	2013	Afirma que as principais mudanças do 5° para o 6° dizem respeito a: novidades (similar E.M); aumento de professores; maior responsabilidades; diferentes didáticas de aula.
Da diversidade na passagem para a quinta série do ensino fundamental	Laíssa Eschiletti Prati; Marisa Faermann Eizirik	2006	Comenta que o grupo (aluno) que está entrando no sexto ano é imaturo pois tinham no quinto ano a professores que era como uma “mãe”. Há também o apontamento que há muitos novos elementos que complexificam as práticas.
Motivação de estudantes: um estudo com crianças do Ensino fundamental.	Selma de Cássia Martinelli; Fermino Fernandes Sisto	2010	Estudos realizados apontaram que os alunos do 3° ano são mais motivados que os do 4°/5° etc. E a motivação vai diminuindo mais com o avanço escolar, pois a atual conjuntura não mantém os alunos interessados.
O sinal de igualdade e seus diferentes significados: buscando rupturas na transição entre os	Thaís Helena Inglez Silva; Alessandro Jacques Ribeiro	2014	Passagem marcada por rupturas, decorrente da própria configuração escolar.

Ensinos Fundamental I e II.			
Dificuldades enfrentadas pelos alunos na transição do 5º para o 6º ano	Jurema Maria Gomes da Cunha	2016	Corroborar com a ideia de os alunos não estarem ainda habituados a tantos períodos por dia.
A transição dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental: o que diz a produção nacional	Kimberly Camargo Aguirre	2017	Estudo de trabalhos que abordaram essa transição. Concluído que há poucos e que há um certo silenciamento em relação a tal transição.

Fonte: Organizada pela autora

2 O ENSINO FUNDAMENTAL DE 8 PARA 9 ANOS: O QUE MUDOU?

O que hoje conhecemos como Ensino Fundamental foi criado quando surgiu a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que instituiu a extinção do exame admissional do primário (quatro primeiras séries), para o ginásio (quatro última séries). Esse exame tinha como objetivo elitizar o que era conhecido como ginásio, pois a dificuldade desse exame era como um vestibular, fazendo assim com que apenas os que tinham condições para frequentar um cursinho preparatório pudessem entrar. Além disso, apenas o primário era obrigatório, o que tornava o curso ginásio distante de muitos. No entanto, com essa Lei, o 1º grau, como ficou conhecido, passou a ser a junção do primário com o ginásio, sendo obrigatório e tendo a duração de 8 anos, muito semelhante ao que conhecemos como Ensino Fundamental de 8 anos até 2006.

Atualmente, a Educação Básica brasileira é dividida em três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Essas etapas são obrigatórias e têm sua oferta gratuita, compreendendo a educação dos 4 aos 17 anos de todo o brasileiro. O objetivo, como podemos ler no Artigo 22 da **LDBEN** (Lei Nº 9.394, 1996) é “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL,1996). Algumas outras características referentes à organização e classificação dos alunos, são baseadas também no referido documento, porém são mais amplas, deixando a cargo dos municípios decidir como defini-las de acordo com as especificidades de cada localidade.

Na criação da Lei 9.394/96 que legitimava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conforme o artigo 32º o Ensino Fundamental tinha duração de oito anos e o ingresso com sete anos de idade, após isso foi reformulado e o ingresso passou a ser com seis anos de idade, sendo obrigatório até o ano de 2005, dos seis aos 14 anos de idade. Ainda falando sobre essa entrada mais cedo na escola, a Resolução do **CNE/CEB** Nº3, de 3 de Agosto de 2005, Artigo 1º fala que “A antecipação da obrigatoriedade de matrícula no Ensino Fundamental aos seis anos de idade implica na ampliação da duração do Ensino Fundamental para nove anos.”

As discussões a respeito da mudança do Ensino Fundamental para 9 anos, já vinham sendo feitas há algum tempo antes de ser de fato executada. Desde os anos de 2004/2005, a “SEB/MEC promoveu sete encontros regionais para discutir com estados e municípios como implementar esta ampliação. Também previu a produção de um boletim de intercâmbio de experiências, a realização de visitas técnicas e um encontro nacional de avaliação ao final do

ano” (MEC/SEB, 2004, p.1). Apesar de a lei ser criada em 2006, as escolas tinham até o ano de 2010 para realizar as mudanças necessárias, pois haviam mudanças nos aspectos físicos, pedagógicos e metodológicos da/na escola que precisavam ser realizadas para que a ampliação de fato ocorresse.

No dia seis de fevereiro de 2006, foi sancionada a Lei nº 11.274 que instituiu o Ensino Fundamental de 9 anos, e que regulamentou que as crianças deveriam ingressar na escola obrigatoriamente com 6 anos de idade. Essa Lei tem como objetivo que as crianças passassem um tempo maior na escola e assim pudessem ter mais oportunidade para aprender com qualidade, para isso ampliou-se um ano na duração do Ensino Fundamental, que antes era apenas de 8 anos. Mais recentemente, Pela **Emenda Constitucional** nº 59 de 2009, a Educação Básica obrigatória passou a ser dos 4 aos 17 anos, sendo a Pré-escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio obrigatórios. O Ensino Fundamental de 9 anos, é/foi também uma das metas do **Plano Nacional de Educação** (PNE, 2010-2020), pois era necessário tempo para a reestruturação da escola, assim como alertava Marta Martini (2006):

Para receber as crianças no 1º ano do Ensino Fundamental, a escola necessita reorganizar a sua estrutura, as formas de gestão, os ambientes, os espaços, os tempos, os materiais, os conteúdos, as metodologias, os objetivos, o planejamento e a avaliação, de sorte que as crianças se sintam inseridas e acolhidas num ambiente prazeroso e propício à aprendizagem. (MARTINI, 2006, p.19)

Essa ampliação provoca mudanças não apenas na duração da primeira etapa do Ensino Fundamental, mas também revela alterações no modo de ser do aluno e vivenciar a escola. No início, os alunos vivem a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, ao final, permanecem no mesmo nível, porém precisam aprender, novamente, a serem alunos diferentes, mais independentes e maduros para atenderem as demandas da escola.

Nos documentos oficiais que regem a Educação Básica brasileira, tratando um pouco da **Constituição Federal de 1988**, a educação é reconhecida como princípio fundamental da nossa vida e a Lei Nº 11.114, de 16 de Maio de 2005 destaca a responsabilidade dos pais de realizarem a matrícula de seus filhos aos seis anos de idade na escola.

Outro documento nacional que embasa a criação dos currículos da Educação Básica é a **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC, 2017). Esse documento dá o suporte para todas as etapas da educação, com conteúdos e habilidade a serem desenvolvidas. Em determinadas

partes, ele trata o Ensino Fundamental como duas partes distintas, remetendo-se a Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Ensino Fundamental - Anos Finais.

A BNCC reconhece em seus documentos o ensino fundamental como duas etapas distintas e ainda “destaca particularidades para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais e o Ensino Fundamental – Anos Finais, considerando tanto as características do alunado quanto às especificidades e demandas pedagógicas dessas fases da escolarização.” (BRASIL, 2017). É também relatado sobre a transição que ela deve se dar contínua e progressivamente, descrita como articulação vertical, entre o quinto e o sexto ano, respeitando as especificidades de cada aluno: “articulação vertical, ou seja, a progressão entre o Ensino Fundamental – Anos Iniciais e o Ensino Fundamental – Anos Finais e a continuidade das experiências dos alunos, considerando suas especificidades.” (BRASIL, 2017). Outro ponto que o documento reconhece é que ainda de fato ocorre uma ruptura nessa transição, sobre isso é dito que devemos “[...] superar as rupturas que ocorrem na passagem não somente entre as etapas da Educação Básica, mas também entre as duas fases do Ensino Fundamental: Anos Iniciais e Anos Finais.” (BRASIL, 2017). É ainda dito que deve haver um maior compromisso para que haja uma integração entre essas duas etapas, pois “[...] devem ainda ser consideradas medidas para assegurar aos alunos um percurso contínuo de aprendizagens entre as duas fases do Ensino Fundamental, de modo a promover uma maior integração entre elas” (BRASIL, 2017).

A BNCC propõe algumas competências e habilidades para o Ensino Fundamental como um todo, mas também coloca os mesmos para as diferentes etapas. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental - do primeiro ano ao quinto ano - pelo referido documento a aprendizagem ocorre pela “consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas [...], considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender” (BRASIL, 2017). Já a segunda parte do Ensino Fundamental, ou seja, os quatro últimos anos do Ensino Fundamental, os alunos se deparam com mais complexidade em suas atividades, precisando aprimorar e aprofundar nos conteúdos, precisam então “retomar e ressignificar as aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no contexto das diferentes áreas, visando ao aprofundamento e à ampliação de repertórios dos estudantes.” (BRASIL, 2017). Outra mudança também apontada é que a partir do sexto ano é obrigatório o Inglês na área das linguagens, fato também é mencionado no referido documento.

Outra característica que marca enfaticamente essa transição é a mudança do professor “único” para professores especialistas em cada componente curricular, a BNCC utiliza esses

termos para denominar as disciplinas/matérias, sobre este ponto a mesma enfatiza que “[...] se amplia o número de professores responsáveis por cada um dos componentes curriculares. Essa mudança em relação aos anos iniciais favorece não só o aprofundamento de conhecimentos relativos às áreas, como também o surgimento do desafio de aproximar esses múltiplos conhecimentos.” (BRASIL, 2017)

3 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E O COTIDIANO ESCOLAR

O cotidiano escolar diz muito sobre como os alunos vão amadurecendo com o passar dos anos, aspectos como hora da entrada, hora da saída, recreio, avaliações, relação com o professor, atividades dentro e fora da sala de aula, entre tantas outras. Essas características essenciais mudam e são apontadas em quase todas as pesquisas usadas como base nesse texto. Além do **cotidiano escolar**, que muda bruscamente primeiro na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental e depois na transição dentro do Ensino Fundamental, esta última a qual esse trabalho se refere, a **relação professor-aluno** é, a meu ver, a mais impactante quando é rompida. Ela deixa de ser afetiva para ser apenas uma relação de alguém que ensina e alguém que escuta, essa ruptura se dá “em um piscar de olhos”, já que de um ano para o outro, tudo muda, tudo o que as crianças tinham de modelo de aula e professor, já não é mais o que acontece no sexto ano. A mudança abrupta desses pontos-chaves do cotidiano escolar ainda contribuem para a evasão, que segundo dados é significativa no sexto ano/quinta série,

[...] os níveis de ensino – podemos citar os indicadores que medem o rendimento dos alunos na quinta série. Segundo dados de estudos do INEP, esta seria responsável em média por 30% da distorção idade/série na continuidade do ensino fundamental, além de uma porcentagem grande de alunos que abandonam a escola. (CAINELLI, 2011, p.128)¹

Ainda tratando um pouco sobre a **relação professor-aluno**, o que podemos notar nitidamente é essa relação que a professora de quinto ano tem mais afetiva com cada aluno, pois passa o ano inteiro com a criança, conhece a mesma, e às vezes até mesmo em questões mais particulares da vida dela. A professora de quinto ano, é vista como uma segunda mãe, pois ela se preocupa mesmo com os fatores para fora da escola, que possam estar atrapalhando essa criança dentro da sala de aula. Relação essa que muda muito ao chegar no sexto ano, pois há vários outros professores atuando com a turma.

Esses professores, muitas vezes, não atuam só em uma turma, não conseguindo estabelecer uma relação tão próxima com as diferentes turmas, mal sabem o nome de todos os seus alunos, quem dirá saber mais sobre sua vida, para além da sala de aula. Com essa relação enfraquecida de afeto e sensibilidade atenta ao aluno de modo individual que passa a acontecer no sexto ano, os alunos necessitam ser mais autônomos e independentes, já que não terão mais

¹ Segundo dados atualizados do INEP/2018 a taxa de distorção-idade no sexto ano é 25,8%, uma das maiores perdendo apenas para o sétimo ano.

alguém que “olhe” por eles, sendo assim o professor não se preocupa mais com o que o aluno faz para além de sua aula, então:

[...] podemos inferir que o fato do professor dos Anos Finais do Ensino Fundamental ficar 50 minutos em cada sala faz com que o mesmo não se sinta responsável pela formação social dos alunos. (CAINELLI, 2011, p.28).

Outro ponto que gostaria de destacar que muda abruptamente de um ano para o outro condiz com o **período/tempo das aulas**. As mesmas passam a ser contadas nos períodos de 50 minutos, já que cada professor é responsável, normalmente, por uma área do conhecimento. Esse professor precisa entrar e sair de diferentes salas de aula ao longo do turno, não tendo mais um professor que passa o turno inteiro na sala. O tempo que antes tinha delimitações mais flexíveis, passa a ser mais exato e rígido.

Diante dessa nova realidade, os alunos ao iniciarem no sexto ano sofrem muito, pois “[...] não estão habituados a cinco aulas por dia, e a usar tantos materiais em um único dia, ainda demonstram lentidão ao copiar o conteúdo e muita dificuldade ao assimilar o mesmo[...]” (CUNHA, 2016, p.5). Eles ainda não conseguem se organizar por períodos de 50 minutos, nos quais têm que copiar a matéria, escutar a explicação, fazer perguntas e ainda exercícios. Eles costumam ter pouco tempo para processar essa nova organização, fazendo muitos ficarem para trás ao longo dos primeiros meses, e quando conseguem se adaptar, precisam correr atrás do prejuízo, pois já “perderam” os primeiros meses de conteúdos e avaliações, porque a maioria dos professores não entendem essa transição, tratando-os como se já estivessem acostumados com essa rotina.

Abordando ainda a temática “**professor**”, até o quinto ano, o que se encontra é um máximo de 4 professores diferentes atuando com a turma, sendo os mesmos para aulas especializadas como: artes, educação física, espanhol e inglês, além da professora que lecionava às demais matérias, como português, matemática, ciências, história e geografia (há vezes que a mesma tem que se responsabilizar pelas aulas especializadas também, dependendo da escola, da rede ou da mantenedora da escola). No sexto ano passam a ser no mínimo mais 5 docentes, tornando o sexto ano um momento de muita dificuldade, já que “[...] cada professor possui metodologia diferente para ensinar e formas diferentes de se relacionar com os alunos.” (ANDRADE, 2011, p.16). Este é um ponto muito importante visto que é um ponto que prejudica muito os alunos nessa transição do quinto para o sexto ano, pois eles costumavam estar apenas com uma professora que tinha uma única metodologia e relação com os mesmos,

como já escrito anteriormente.

4 METODOLOGIA

Nesta parte do trabalho, será apresentada a abordagem que foi utilizada nesta pesquisa, assim como a metodologia utilizada para a produção de dados das representações que os alunos têm da transição do quinto para o sexto ano e para a análise dos dados produzidos.

Estabelecemos como metodologia de pesquisa o Estudo de Caso. Tal método foi utilizado pois foram analisadas produções escritas individuais e coletivas que tentaram trazer à tona as representações de um grupo de alunos acerca da transição do quinto para o sexto ano do ensino fundamental. Não se trata de apresentar modelos, mas de oportunizar o acesso a alguns pontos de vista que podem ser úteis para analisar esse processo de transição vivido no Ensino Fundamental. Como já descrito anteriormente, o questionamento que fundou esta pesquisa foi saber *Quais são as representações dos alunos sobre a transição do quinto para o sexto ano?* A intenção desta investigação está em reunir material para que escolas e professores possam pensar ações para tornar essa transição mais natural.

Para ter acesso às representações, fomos em busca de uma turma de sexto ano com a qual organizamos um encontro com dois momentos distintos: primeiro uma atividade individual e em um segundo momento uma atividade coletiva, em pequenos grupos. A ferramenta metodológica na qual nos inspiramos para a coleta de dados foi a *aula-conversa*. Tal método foi criado e utilizado por Camila Alves Melo (MELO, 2016) em sua Dissertação de Mestrado. Em sua pesquisa a produção de dados aconteceu com crianças do 2º ano, tendo o objetivo de compreender as representações dos alunos e professores sobre provas de avaliação e os efeitos que a mesma teve nos sujeitos que participam dessa avaliação, no caso a Provinha Brasil.

A pesquisadora define assim a expressão “aula-conversa” que denomina o método de pesquisa:

[...] é um momento que contempla toda a turma, feito na própria sala de aula e com auxílio da professora titular da turma, em que são solicitadas atividades e realizados diálogos para interlocução entre alunos e pesquisadora, a fim de construir elementos passíveis de análise para o contexto estudado. (MELO, 2016, p.50).

A autora ainda relata que é denominado como “aula-conversa” (MELO, 2016) pois “é aula porque solicita aos alunos atividades (desenho, responder perguntas) e é conversa porque deseja criar um ambiente acolhedor [...]” (MELO, 2016, p.50). Ressaltamos que a metodologia utilizada teve o princípio de uma aula-conversa (MELO, 2016), pois tivemos atividades como

responder perguntas individuais e em grupo, porém não foram feitas perguntas para as crianças abertamente, porém nos momentos em que eu me deslocava pela sala e escutava suas falas e fazia alguns questionamentos sobre determinados pontos que iam surgindo. Outro ponto, que acreditamos relevar que utilizamos a "aula-conversa" como inspiração e não a reproduzimos fielmente, é o fato de que a pesquisadora que desenvolveu tal metodologia utilizou um questionário estruturado com perguntas para que as crianças respondessem abertamente, e gravou. Essa ação não foi realizada por nós.

Assim como em (MELO, 2016) às ferramentas metodológicas utilizadas foram pensadas e estruturadas após a definição do objetivo. Ele indicou e serviu como base para a decisão de qual o caminho que deveríamos seguir para que respostas fossem encontradas, “[...] ou seja, após a escrita do objetivo, pensamos em formas que pudessem dar conta de “alcançá-lo”.”(MELO, 2016, p.47).

Como já mencionado anteriormente, em nossa pesquisa foram utilizadas dois tipos de atividades metodológicas diferentes. A primeira foi uma atividade individual, com palavras-chaves e frases estruturadas, e depois a atividade em pequenos grupos com perguntas estruturadas. Tais atividades abordavam questões sobre pontos específicos de cada ano, quinto e sexto, e através da escrita e de desenhos foi possível perceber suas representações acerca dessa transição. Como já mencionado, foi escolhida uma turma específica de sexto ano e a pesquisa foi realizada com todos alunos da turma, para não se restringisse apenas a alguns poucos alunos, ou ainda com grupos focais.

As atividades foram elaboradas a partir das mudanças visíveis encontradas entre os dois anos escolares (quinto e sexto), e as que com maior frequência apareciam nos textos utilizados como referencial: “[...] as disciplinas demarcadas por horários e professores diferentes até as relações com os professores, que deixam a afetividade daqueles que tudo sabem sobre seu aluno para o professor que muitas vezes não sabe seu nome” (CAINELLI, 2011, p.130); “Na 4ª série, o sujeito é visto como criança, a professora tem uma visão um pouco maternal [...] Na 5ª série os alunos não são vistos mais como crianças por seus professores perde-se o apego com um professor pois agora são vários [...]” (ANDRADE, 2011, p.27); “[...] tais rupturas decorrem da própria configuração escolar – professores especialistas de matemática substituindo o professor polivalente, novos modelos de avaliação, nova dinâmica de aulas e didática, entre outros [...]” (SILVA, 2014, p.77); “O número de aulas por dia dificulta também, porque os alunos não estão habituados a cinco aulas por dia, e a usar tantos materiais em um único dia, ainda demonstram

lentidão ao copiar o conteúdo e muita dificuldade ao assimilar o mesmo [...]” (CUNHA, 2016, p.130); “Além da ruptura processual do processo educativo, marcada pelas relações diferenciadas, pela organização curricular, pelas abordagens metodológicas, há o rompimento de vínculos afetivos entre professores e alunos.” (AGUIRRE, 2017, p.11).

A partir de diversos tópicos que foram citados nos textos acima, entre outros que abordavam as questões referentes à transição do quinto para o sexto ano, as atividades e perguntas foram elaboradas focando nos seguintes aspectos: autonomia do aluno, atividades diferenciadas em sala, avaliações, unidocência X pluridocência, didática de cada professor e relação professor-aluno. A autonomia aluno, diz respeito ao que muda em relação a horários de entrada e saída, recreio, saídas da sala com acompanhamentos de professores, utilização de fila, entre outros pontos. As atividades realizadas em sala, direcionam atenção para a metodologia de trabalho utilizada do professor, o que mudou do quinto para o sexto, se a professora antiga utilizava mais atividades diferentes além do quadro e caderno ou se os de agora utilizam mais o quadro e menos recursos diferenciados e atrativos. Nas avaliações, o objetivo foi analisar a diferença de frequência e dificuldade entre os dois anos. Na unidocência X pluridocência e didática de cada professor, pretendeu-se saber sobre as metodologias de cada professor, no que diz respeito ao andamento da aula e cumprimento de tempo por períodos. E na relação professor-aluno procuramos identificar se ainda ocorre a afetividade e relação pessoal com cada aluno, ou só com a turma ou ainda se não ocorre.

Às atividades realizadas a partir da “aula-conversa” (MELO, 2016) (ver procedimentos no apêndice A) aconteceram nos dois primeiros períodos de aula. A professora de Espanhol que era referência naqueles dois primeiros períodos acompanhou-me até a sala, mas como eu já conhecia os alunos ela retornou até a sala dos professores e eu fiquei sozinha com eles. No primeiro momento, me apresentei aos poucos que ainda não conhecia (alunos novos que não faziam parte da turma quando realizei o estágio de docência) e logo após fiz a leitura do termo de assentimento (VER APÊNDICE D) com os alunos. Esclareci dúvidas e solicitei que assinassem. Foi também enviado para os responsáveis uma Carta-Convite (VER APÊNDICE B) que explicava a pesquisa em questão e um Termo de Consentimento (VER APÊNDICE C) que os responsáveis precisaram assinar para que os alunos pudessem participar da pesquisa.

Após esse primeiro momento, solicitei que se dispusessem sentados individualmente e entreguei aos alunos a primeira atividade (FIGURA 1). A mesma consiste em um conjunto de frases elaboradas como se fossem ditas por alunos, e eles deveriam responder se concordavam

ou não com aquela frase e explicar o porquê. Acabado esse momento foi entregue a segunda atividade (FIGURA 2). Nessa os alunos tinham que ler determinados tópicos e pensar neles em relação ao quinto e ao sexto anos, deveriam então colocar um *emoji* feliz ou um *emoji* triste e explicar o porquê da escolha dessa representação. Nessas duas primeiras atividades, eu fiquei andando pela sala, porém só falava algo quando algum aluno apresentava alguma pergunta específica, mas foram poucos casos.

FIGURA 1 - Modelo de atividade que foi entregue para os alunos

<p>1) Leia as frases a seguir e escreva se você concorda ou não e porquê.</p> <p>a) “Quando eu estava no quinto ano eu falava muito, conversava com a professora, agora no 6° ano não tenho mais esse contato, tem aulas que não dou uma palavra.”</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>b) “Cada professora faz algo, é muito confuso, uns querem que copiem do quadro, outros que a gente só copie depois da explicação, a gente fica meio perdido.”</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>c) “Agora no 6° ano não tem mais fila, a gente já é grande, quando sai da sala é cada um por si, sem fila. Na entrada subimos sozinho e na saída também, não tem uma professora que fica esperando por nós que nem no 5° ano. ”</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>d) “No 5° ano a gente tinha muito mais atividades, não era só quadro e caderno, tinha atividades no pátio, folhas com atividades (“folhinha”), jogos. Mas agora não, agora é só professora escreve no quadro e copiamos no caderno e às vezes ainda usamos o livro, e só.”</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
--

Fonte: Organizado pela autora.

FIGURA 2 - Modelo de atividade que foi entregue para os alunos

MOMENTO DA ENTRADA PARA IR À SALA DE AULA		ATIVIDADES EM SALA DE AULA		AVALIAÇÕES (provas, trabalhos,...)	
5º ano	6º ano	5º ano	6º ano	5º ano	6º ano
Por quê você escolheu esse emoji? _____ _____ _____	Por quê você escolheu esse emoji? _____ _____ _____	Por quê você escolheu esse emoji? _____ _____ _____	Por quê você escolheu esse emoji? _____ _____ _____	Por quê você escolheu esse emoji? _____ _____ _____	Por quê você escolheu esse emoji? _____ _____ _____

Fonte: Organizado pela autora.

Logo após esse momento, foi solicitado que as crianças fizessem grupos de quatro alunos para a realizar a terceira atividade, que consistia em responder coletivamente, ou seja, todos os integrantes precisavam concordar sobre a resposta que seria dada. As perguntas foram as seguintes:

- 1) O que é mais difícil no 6º ano? Por quê?
- 2) O que sinto falta do 5º ano? Por quê?
- 3) Se eu pudesse trazer algo do 5º ano para o 6º ano, o que seria? Por quê?

As perguntas desta atividade em grupo ainda tinham mais três requisitos para serem respondidas: primeiro, tinham certas palavras que precisavam estar nas respostas, as palavras eram: PROVAS, RECREIO, ATIVIDADES EM SALA, QUADRO, CADERNO, PERÍODOS. E segundo, todas as palavras deveriam ser usadas. O último requisito era que eles deveriam representar de uma maneira não escrita também, ou com desenhos que tivessem relacionados às respostas, ou com *emojis*.. A intenção foi que se sentissem mais à vontade. Ao longo de toda essa atividade, fiquei circulando de grupo em grupo sempre questionando os alunos sobre se concordavam com as resposta que estavam sendo colocadas ou ajudando-os a entrar em um consenso juntos a respeito de uma resposta.

Em todas as atividades pedi para que os alunos identificassem apenas com as iniciais e

a idade, pois o intuito não seria avaliar o aluno específico que estava respondendo, mas sim a turma do sexto ano como um todo. Os alunos foram identificados conforme Quadro 3, para que ao longo da análise fique melhor de identificar as crianças a partir de suas respostas às atividades. O Quadro 3 apresenta dados dos alunos: a idade, em que ano entrou na escola e se é repetente. Ao longo do texto os alunos serão representados como A.1 , para referir-se ao aluno 1, e assim sucessivamente.

Quadro 3 - identificação dos alunos

Aluno	Idade	Quando entrou na escola?	Repetente?
1	11	1° ano	Não
2	12	1° ano	Sim
3	11	1° ano	Não
4	11	1° ano	Não
5	11	1° ano	Não
6	11	1° ano	Não
7	14	1° ano	Sim
8	11	1° ano	Não
9	13	1° ao	Sim
10	12	1° ano	Sim
11	13	1° ano	Sim
12	12	1° ano	Não
13	11	6° ano	Não
14	12	1° ano	Não
15	11	1° ano	Não
16	11	1° ano	Não
17	12	1° ano	Não
18	12	1° ano	Não
19	11	1° ano	Não

Fonte: Organizado pela autora.

Ao reunirmos esses dados de identificação dos sujeitos da turma em que a pesquisa foi realizada, percebemos que quase todos são antigos colegas, havendo apenas um(a) aluno(a) novo(a) na turma e na escola neste ano, e também os repetentes de 2018 do sexto ano. A turma possui 22 alunos e estavam presentes 19 no dia em que a pesquisa foi realizada: 9 meninos e 10 meninas. Quase todos também entraram na escola no primeiro ano, já estando familiarizados com o ambiente em que convivem, como foi mostrado no quadro acima. A turma no geral é unida e demonstra ter uma boa convivência.

5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Serão apresentadas a seguir algumas respostas das atividades. Foram escolhidas respostas que num geral caracterizam a turma como um todo, ou seja, as que foram mencionadas mais frequentemente. Irei articular às respostas das crianças nas atividades com os textos utilizados como referencial, assim como minhas análises próprias e refletirei sobre quais são as percepções que as crianças estão tendo sobre essa transição do quinto para o sexto ano.

Na relação com os professores o pouco que pude ver, é uma turma que conversa muito entre si, mas pouco com os professores, alguns alunos relataram também ainda não estarem adaptados com essa troca contínua de professores. Corroborando com o que foi observado e a partir dos dados que puderam ser coletados na aula-conversa (MELO, 2016), as respostas que mais apareceram nas atividades individuais dizem respeito primeiramente aos **professores**, tanto em suas relações com os mesmos como na maneira como cada um explica a matéria. Como mencionado anteriormente a relação com o professor do sexto ano muda, pois o aluno não tem mais o contato próximo com ele, já que tem um professor para cada matéria e não mais um professor pluridocente. Muitos alunos apontaram sobre o que diz respeito a rotatividade de professores, assim como às metodologias muito diferenciadas entre eles, assim como também Mariza Andrade pontua que:

Na 4ª série do Ensino Fundamental, os alunos possuem uma única professora que administra todas as disciplinas. Isso se altera na 5ª série quando há troca de professor e material a cada 50 minutos de aula, causando uma rotatividade grande. Tal situação acaba por impedir a construção de uma relação mais profunda entre professores e alunos resultando em problemas de ordem afetiva. Na maioria das vezes não são estabelecidos vínculos. (ANDRADE, 2011, p.22).

Algumas das respostas dos alunos serão mencionadas às seguir para apontar como a relação professor-aluno no que diz respeito ao tempo de aula e às metodologias acaba deixando muitos alunos frustrados com o que estão vivendo. Exemplos de frases que apareceram nas respostas relacionadas a este tópico na atividade da Figura 2 apresentada anteriormente:

1. *“Os professores poderiam fazer uma coisa só.” (A.1)*
2. *“Antes tínhamos uma professora para todas as matérias.” (A.3)*
3. *“Toda hora muda de professor.” (A.4)*
4. *“Às vezes o meu caderno fica incompleto.”(A.6)*
5. *“Nenhum professor é igual, cada um tem uma forma de passar de explicar a sua*

- matéria.” (A.7)*
6. *‘Um pedi² uma coisa outro pede outra coisa.’ (A.8)*
 7. *“A gente não tem um professor que fica a maioria dos períodos da semana.” (A.8)*
 8. *“Os professores fazem coisas diferentes.” (A.9)*
 9. *“Alguns professores que não dão ouvidos.” (A.10)*
 10. *“O professor fica apressando.” (A.10)*
 11. *“Eu sou muito perdida.” (A.12)*
 12. *“O professor de matemática pede pra explicar e depois copiar.” (A.13)*
 13. *“É uma troca de professores nem da tempo para todos falar.” (A.14)*
 14. *“Se a gente não copia brigam e se a gente tá copiando e não tá olhando para o quadro brigam também.” (A.14)*
 15. *“6º ano me deixa tonto e bem cansado, muito professor e muito pra copiar no quadro, me deixa confuso.” (A.16)*
 16. *“Eu me perco todo.”(A.17)*

Em grande parte das respostas, fica claro o quanto os alunos se sentem incomodados com essa mudança brusca de troca de professor unidocente para o pluridocente, os pontos mais relatados como podemos ver são em relação às didáticas serem muito diferentes, fazendo-os ficarem confusos, perdidos, inseguros e com “cadernos incompletos” (A.6).

Essa mudança que ocorre no sexto ano é muito relatada nos textos que embasam essa pesquisa, pois os alunos precisam “adaptar-se rápido a mudança da unidocência para a pluridocência, e ainda perceber que cada professor tem uma personalidade diferente.” (ANDRADE,2011, p.22). Essa troca frequente de professores atrapalha muitos os alunos já que eles ainda não estão acostumados com tamanha demanda de atividades que precisam realizar em períodos de 50 minutos, além da quantidade de professores novos que precisam conhecer pessoalmente e também o seu modo de atuar. Precisam lembrar da maneira que cada professor tem para conduzir a aula, precisam interpretar se o professor quer que copiem ou escutem a explicação, maneira essa que com a única professora do quinto ano já estavam acostumados, seja porque haviam sido informados ou porque já conheciam a rotina.

O trabalho em sala de aula, principalmente no que diz respeito à utilização apenas de quadro e cópia em caderno também é muito destacado pelos alunos ao longo das respostas.

² Optamos por manter a escrita conforme foi feita pelo aluno.

Pelas respostas dos alunos o que podemos destacar é que no sexto ano eles já são mais maduros e por isso não precisam de atividades diferenciadas, e muito menos fora de sala de aula, já que para a aprendizagem o quadro e a cópia no caderno tornam-se recursos suficientes. Em algumas respostas, os alunos mostram suas insatisfações quanto a isso, mas também há os que acreditam que já não são mais crianças e realmente isso não deve mais acontecer. A seguir está um quadro (QUADRO 4) com as respostas dos alunos frente à essas duas perspectivas.

QUADRO 4 - Respostas dos alunos frente às atividades diferenciadas em sala de aula.

Gostam de atividades diferenciadas	Não acham mais necessárias atividades diferenciadas.
<p>“[...] mas isto não impede da gente brincar um pouco mais.”(A.1)</p> <p>“Não brincamos com jogos mais.” (A.3)</p> <p>“Antes era mais divertido.” (A.6)</p> <p>“A gente brincava no 5º ano.” (A.8)</p> <p>“A gente não vai pro pátio no 6º ano.” (A.8)</p> <p>“Isso eu acho um pouco chato. (referindo-se ao caderno e quadro)” (A.10)</p> <p>“A gente só copia.” (A.13)</p> <p>“Era muito legal todo dia atividades diferentes. (referindo-se ao 5º ano)” (A.14)</p> <p>“ Só copia copia aff.” (referindo-se ao 6º ano). (A.14)</p> <p>“Acaba sendo chat só ficar lendo um livro sem nada ao ar livre pra nos divertirmos.” (A.16)</p>	<p>“No sexto ano a gente não pode mais ter moleza pois a gente tem que saber mais das coisas.” (A.1)</p> <p>“A gente não é mais criancinha.” (A.6)</p> <p>“No sexto ano não tem mais moleza e toca atividade.” (A.9)</p> <p>“Porque a gente já tem 11/13 anos por aí. Ai não tem pátio e jogos.” (A.15)</p> <p>“A gente não é mais criança.” (A.17)</p> <p>“No 6º ano muda tudo.” (A.17)</p>

Fonte: Organizado pela autora.

As falas frequentes dos alunos sobre ter atividades diferenciadas levam-nos a acreditar que os mesmos estão em um dilema entre o ainda gostar de fazer atividades diferentes e não ser mais “criancinha”. Acredito que esse ponto possa refletir muito das falas dos professores para eles, já que ao solicitarem por atividades diferentes os mesmos digam que eles não são mais crianças para terem esse tipo de atividades e irem para o pátio. Podemos inferir a partir desse dilema que o aluno se encontra perdido e sozinho já que alguns colegas não compartilham de mesma ideia e os professores em sua grande maioria, tratam os alunos do 6º ano da mesma maneira que qualquer outro ano escolar. A transição é ignorada “[...] porque a mesma não é entendida como “espaço” no processo de escolarização. As crianças sentem e sofrem em silêncio porque trata-se de uma transição camuflada como diz Dias-da-Silva (1997), ou de UMA PASSAGEM SEM RITO [grifo da autora].” (ANDRADE, 2011, p.32).

Nas respostas que apareceram é quase unânime a questão positiva de não precisar mais de fila. Os alunos gostam de ser mais autônomos e não ter mais alguém que esteja sempre de olho neles, pois com a professora unidocente do quinto ano ela sabia de tudo da vida deles, já que estava com eles durante a semana toda e conhecia de fato cada aluno, diferente dos professores pluridocentes do sexto ano, que muitas vezes não sabem nem o nome dos alunos, tendo em vista o número de turmas nas quais atuam. Algumas das respostas que demarcam principalmente o fato de não precisarem mais de filas, foram:

1. *“Nós não somos mais crianças pequenas já passamos dessa fase.” (A.3)*
2. *“É chato entrar e sair com a professora.” (A.5)*
3. *“Eu gosto de sair sozinho.” (A.7)*
4. *“Era muito criancisse ficava com vergonha.” (A.9)*
5. *“É real temos que crescer.” (A.14)*
6. *“A gente já é grande.” (A.15)*
7. *“Nós já crescemos e não precisamos de um professor cuidando.” (A.17)*

De acordo com as respostas relacionadas acima, podemos inferir que estar no sexto ano, trouxe para os alunos alguns pontos positivos. O ser mais autônomo em relação à hora de entrada e saída, o fato de não precisar andar pela escola só em fila, são alguns deles.

Refletindo sobre as atividades dos alunos e o que foi presenciado em sala de aula pude

ainda perceber a dificuldade que a maioria deles tem em relação à nova organização que se dá no sexto ano. Algumas respostas mais enfáticas apareceram em relação a isso, ou ainda mesmo em relação a tudo do sexto ano, foram elas:

1. *“Está tudo difícil”* (A.13);
2. *“Muito mais difícil às coisas para fazer.”* (A.9);
3. *“Era mais fácil no 5º ano.”* (A.8);
4. *“É mais difícil e exige mais explicações.”*;
5. *“O sexto ano já é um dos últimos anos, por isto a gente precisa prestar mais atenção.”* (A.1).

Em face a tudo o que foi exposto até o momento podemos ver que há muitos pontos que precisam ser repensados nas mudanças que ocorrem nessa transição. O aluno que sai do quinto ano normalmente é um aluno inseguro frente às mudanças que ocorrerão no próximo ano, muitos mudam o comportamento no que diz respeito à relação professor-aluno que, muitas vezes, é rompida. Percebi isso em alguns alunos, pois como conhecia os mesmos do ano passado, pude ver algumas mudanças de comportamento significativas como indisciplina e um certo silenciamento nas falas dos que costumavam ser bem falantes no quinto ano. Outra questão também já mencionada é em relação à mudança brusca da quantidade de professores. Acreditamos que a escola precisa repensar a maneira como a metodologia se termina no quinto ano e começa no sexto ano, pois os alunos de fato não estão se sentindo confortáveis com essa mudança mais enfática. Assim como no trabalho da Melo (2016) podemos perceber que essas representações disseram muito sobre o que eles entendem, como dão sentido, como se sentem emocionalmente e também como estão lidando com essa transição. Deste modo, muitas mudanças precisam ser feitas, pois esse não é um problema atual, a escola negligencia que há essa transição dentro do Ensino Fundamental mesmo ela sendo reconhecida pela BNCC como podemos ver a seguir:

As competências específicas possibilitam [...] articulação vertical, ou seja, a progressão entre o Ensino Fundamental – Anos Iniciais e o Ensino Fundamental – Anos Finais e a continuidade das experiências dos alunos, considerando suas especificidades. (BRASIL, 2017).

As representações que as crianças têm a respeito dessa transição mostram que, assim como em outros trabalhos já realizados sobre a temática, há muito o que se mudar, a escola

como um todo precisa começar a reconhecer que ocorre uma transição dentro do Ensino Fundamental. Essa transição precisa ser reconhecida para que não ocorra mais rupturas que prejudiquem mais os alunos. O que pode a escola e a professora dos Anos Iniciais fazer para diminuir ou quem sabe acabar com os efeitos desta transição? As considerações finais desse trabalho focalizam essa questão.

6 ALTERNATIVAS PARA UMA TRANSIÇÃO SEM RUPTURAS

A análise dos dados coletados possibilitou algumas (muitas) reflexões a respeito desta transição. Ressalto que o trabalho da escola precisa mudar rapidamente para reconhecer o Ensino Fundamental como tendo duas partes “distintas”, pois só a partir disso ocorrerá um trabalho entre os anos **quinto e sexto** para que essa ruptura se amenize quanto a tantos aspectos sentidos. Os achados da pesquisa apontam para uma questão primeiramente condizente com os professores. Para tal, pensamos que a professora unidocente do quinto ano pode contribuir para que essa transição não seja tão árdua, regrando mais a turma em quesitos de horários e períodos, de maneira que ao chegarem no sexto ano, estejam mais acostumados a resolverem tudo que precisam em seus períodos respectivos. Lembrando que não deve ser uma preparação para o sexto ano, pois eles ainda são crianças, deve-se ser uma ajuda na transição e a mudança principal deve partir do sexto ano.

No sexto ano a mudança que poderia ajudar nesse aspecto de professores também é fazer a utilização de períodos duplos, ao invés de um único de 50 minutos, ou seja, fazer dois de português, dois de história e um de artes, por exemplo. Dobrar os períodos, pelo menos no primeiro trimestre do sexto ano, ajudaria os alunos a começarem a se acostumar mais com períodos regrados por horários, além é claro de auxiliar na adaptação à metodologia de cada professor.

Sobre a relação professor-aluno que também é “desconstruída” a partir do sexto ano, acreditamos que o que poderia ser feito no quinto ano é uma maior interação com os professores do sexto ano, como por exemplo, utilizar alguns professores já no quinto como de artes, inglês, Ed. Física, etc., para que, ao chegarem ao sexto ano, os alunos não se sintam totalmente desconfortáveis por terem todos os professores que não conhecem. Um reconhecimento útil para ambos tanto para o professor quanto para os alunos.

Os alunos do quinto ano estão também acostumados a ter uma professora com quem tem um maior contato e afetividade. A escola poderia, no sexto ano, utilizar para ser o professor regente, aquele responsável pela turma na entrega de boletins e conversa sobre pontos mais graves com os responsáveis, algum professor que já tenha uma proximidade maior com a turma, ou que já conheça a mesma. Este aspecto ajudaria, pois os alunos não se sentiram ainda mais intimidados por, além de todas as mudanças, o professor que conversa mais com eles, sobre aspectos de suas vidas, ser um professor nunca visto por eles. Isso acarreta um medo, pois não

sabem como chegar a este docente para falar sobre determinados assuntos.

Outra mudança que pudemos notar nas respostas dos alunos diz respeito às atividades diferenciadas e atividades fora da sala de aula. Quanto a isso acredito que vá muito ao encontro da metodologia utilizada por cada professor, e cabe a cada um repensar sobre se suas práticas educativas estão sendo de fato significativas para as aprendizagens de seus alunos. Essa diferença também precisa ser considerada, havendo mudança na metodologia de trabalho do professor do sexto ano, para que atenda o aluno que está recebendo, visto que todos os alunos precisam trabalhar com a ludicidade do ano escolar em que se encontram. Entendemos que grande parte das escolas fez alterações quanto às seus aspectos físicos-estruturais, pedagógicos, e talvez até um pouco metodológicos, no que diz respeito ao aluno que entra mais novo no primeiro ano.

Ao longo dos anos, vem sendo apontados os problemas a respeito desta transição do quinto para o sexto ano, desde quando era quarta para a quinta série, e até mesmo anterior a isso. Podemos notar que como não há uma preocupação com essa transição, pois ela não é “vista”, não há ações pensando em melhorias para que tal transição não seja tão brusca. Não há “ações que contribuem com a melhor adaptação dos discentes e dos docentes ante este novo contexto de inserção para ambos.” (AGUIRRE, 2017, p.22). Entendemos que a escola precisa parar de culpabilizar os alunos frente às dificuldades que são encontradas no sexto ano. O caminho a ser seguido é procurar melhores maneiras para que haja uma transição sem rupturas tanto para os discentes quanto para os docentes.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Kimberly Camargo. **A TRANSIÇÃO DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:: O QUE DIZ A PRODUÇÃO NACIONAL.** 2017. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1316/1/AGUIRRE.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

ANDRADE, Mariza. **INVESTIGAÇÃO SOBRE A TRANSIÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II.** 2011. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/MARIZA%20ANDRADE.pdf>> Acesso em: 16 jun 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 14 jun 2019.

BRASIL. Lei 11.274, de 06 de fevereiro de 2006. Altera os arts. 6º, 30, 32 e 87 da Lei 11.114, de 2005, com a ampliação do ensino fundamental para 9 anos de duração. **Planalto.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm. Acesso em: 28 nov. 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1996.

BRASIL. Lei n. 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União. Brasília**, 2001.

CAINELLI, Marlene Rosa. **Entre continuidades e rupturas: uma investigação sobre o ensino e aprendizagem da História na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental.** Educar em Revista, núm. 42, outubro-diciembre, 2011, pp. 127-139 Universidade Federal do Paraná, Brasil. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n42/a09n42.pdf>> Acesso em: 14 jun 2019.

CUNHA, Jurema Maria Gomes da. **DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS NA TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO.** 2016. 20 f. Monografia (Especialização) - Curso de Coordenação Pedagógica, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/53321/R%20-%20E%20>

[%20JUREMA%20MARIA%20GOMES%20DA%20CUNHA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](#)
> Acesso em: 10 jun 2019.

DAVIS, Claudia Leme Ferreira; TARTUCE, Gisela Lobo B. P.; NUNES, Marina Muniz Rossa; ALMEIDA, Patrícia C. Albieri de; SILVA, Ana Paula Ferreira da; COSTA, Beatriz Souza Dias de Olival; SOUZA, Juliana Cedro de. **ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: aproximando-se da configuração atual.** In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: QUALIDADE NA APRENDIZAGEM. 2013, Florianópolis. Santa Catarina: Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. p.1-17. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.35.56.fd59cb7bd5476a752ed3207621847219.pdf> Acesso em: 20 jun 2019.

LUCCHESI, Felipe Del Mando. FERREIRA, Lilian Aparecida. **A transição da 4º para a 5º série na educação física.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Volume 8, número 2, 2009. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/viewFile/1726/1320>> Acesso em: 16 jun 2019.

MARTINELLI, Selma de Cássia. SISTO, Fermino Fernandes. **MOTIVAÇÃO DE ESTUDANTES: UM ESTUDO COM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL.** Avaliação Psicológica, 2010, 9(3), pp. 413-420. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v9n3/v9n3a08.pdf>> Acesso em: 14 jun 2019.

PRATI, Laíssa Eschiletti. EIZIRIK, Marisa Faermann. **Da diversidade na passagem para a quinta série do ensino fundamental.** - Estudos de Psicologia I Campinas I 23(3) I 289-298 I julho - setembro 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n3/v23n3a08.pdf>> Acesso em: 10 jun 2019.

SILVA, Thaís Helena Inglês. RIBEIRO, Alessandro Jacques. **O SINAL DE IGUALDADE E SEUS DIFERENTES SIGNIFICADOS: BUSCANDO RUPTURAS NA TRANSIÇÃO ENTRE OS ENSINOS FUNDAMENTAL I E II .** In: REnCiMa, v. 5, n. 2, p. 75-90, 2014. Disponível em: <<http://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/999/724>> Acesso em: 06 jun 2019.

Apêndices

APÊNDICE A - Procedimentos da aula Conversa

A “aula-conversa” será realizado nos dois primeiro períodos de aula, sendo realizada da seguinte forma:

1º momento: leitura do Termo de Assentimento para a turma e assinatura dos alunos no documento. Serão esclarecidas dúvidas sobre a pesquisa.

2º momento: solicitar que os alunos sentem individualmente e respondam a primeira atividade que será entregue. Após finalizado essa primeira atividade, será entregue a outra atividade individual que haverá perguntas para serem respondidas. As atividades então serão recolhidas para que seja desenvolvido o terceiro momento.

3º momento: pedir que os alunos sentem em grupos de 4 alunos e respondam, coletivamente, às três perguntas que se encontram no cartaz.

4º Recolherei a atividade e me despedirei deles.

FONTE: Baseado em MELO(2016)

APÊNDICE B - Carta-convite para participação na pesquisa**CARTA-CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

Porto Alegre, 22 de maio de 2019.

Srs. Responsáveis,

Chamo-me Caroline Simon, sou aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estou desenvolvendo minha pesquisa para o trabalho de conclusão do curso na escola de seu/sua filho(a). Essa pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes. O estudo visa identificar e analisar as representações dos alunos acerca da transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Para realizar essa investigação, necessito conversar com os alunos da turma de seu/sua filho(a), pedindo que respondam algumas perguntas sobre o que mudou de um ano para o outro e como se sentem quanto a essas mudanças em relação a aspectos do cotidiano da escola e da sala de aula. Para que possa fazer essa intervenção, necessito da assinatura do responsável pelo(a) aluno(a) no termo de consentimento, que está sendo enviado junto a esse convite. Nesse termo, encontra-se maiores esclarecimentos sobre o funcionamento da pesquisa. Caso aceitem participar, ao preencher o termo, coloquem o nome do aluno na parte em que solicita o “nome completo do participante” (localizado na parte inferior da folha). Agradeço a colaboração e me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Caroline Machado Simon.
Graduanda - Licenciatura em Pedagogia/UFRGS

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Individual

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE
EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO INDIVIDUAL

Eu, Caroline Machado Simon, aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estou desenvolvendo minha pesquisa para o trabalho de conclusão do curso na escola sob orientação da Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes. O estudo visa identificar e analisar as representações dos alunos acerca da transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental.

Ao final da pesquisa desenvolvida para a graduação, os dados coletados e suas respectivas análises serão organizadas visando identificar e analisar as representações dos alunos acerca da transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. A coleta de dados será realizada através de atividades estruturadas com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental. Serão utilizadas apenas às atividades autorizadas pelos participantes e seus responsáveis.

Será garantido o sigilo de seus dados pessoais e resguardados quaisquer informações que possam vir a identificá-lo neste trabalho. Além disso, os participantes da pesquisa poderão deixar de participar da mesma a qualquer momento. Em caso de dúvida, necessidade de esclarecimento, ou deseja não fazer parte desta pesquisa, o contato pode ser feito pelo telefone: (51) 98050-9970 ou por e-mail simoon_@outlook.com.br.

Porto Alegre, ___ de _____ de 2019.

Caroline Machado Simon
Graduanda

Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes
Orientadora

_____, ___ de _____ de 2019.

Assinatura do participante ou responsável legal

Nome completo do participante: _____

APÊNDICE D - Termo de Assentimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE
EDUCAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa que tem como título: “Representações dos alunos acerca da transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental.” que é orientada pela Profª. Dra. Marília Forgearini Nunes. Um documento semelhante a esse também foi entregue e assinado por seus pais, permitindo que você participasse desta investigação. Com essa pesquisa, queremos identificar e analisar as representações dos alunos sobre a transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Para isso, vamos propor algumas atividades com perguntas sobre o que mudou de um ano para o outro e como os alunos se sentem quanto a essas mudanças.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não haverá nenhum problema caso desista. A pesquisa será feita na escola, em período de aula. Você não corre nenhum risco a participar dessa pesquisa e o benefício da sua participação será a utilização da sua opinião para refletir sobre essa transição, auxiliando os professores de quinto ano a considerarem esse fato.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa não falaremos a outras pessoas sobre quem você é. Os resultados das pesquisas vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram. Essa publicação poderá ser compartilhada com vocês em uma atividade na escola para que os alunos conheçam as contribuições dadas para o estudo.

Se você tiver alguma dúvida você pode perguntar pelo telefone: (51) 98050-9970 ou por e-mail simoon_@outlook.com.br. Ao assinar esse termo você afirma que acompanhou a leitura feito junto com a pesquisadora, esclareceu suas possíveis dúvidas e concorda em participar da pesquisa.

Porto Alegre, ___ de _____ de 2019.

assinatura do participante

Caroline Machado Simon
Graduanda

Profª. Dra. Marília Forgearini Nunes
Orientadora